

CORPOSCOLETIVOS: IDENTIDADE, VISUALIDADE E PRODUÇÃO DE CONTRASSABERES

Aldo Victório Filho / UERJ

Mariane Travassos dos Santos / Mestranda PPGArtes – UERJ

Pâmela Souza da Silva / Mestranda ProPEd – UERJ

Rodrigo Torres do Nascimento / Mestrando PPGArtes – UERJ

RESUMO

Este trabalho resulta do diálogo entre três pesquisas de mestrado em andamento, Falas-Imagens, Cultura Visual e escola em espaços periferizados: o fortalecimento das trocas e do coletivo como criação epistemológica, Choque de Monstros: Corpo, identidade e visualidade na escola e Dando Pinta: juventude transviada nas periferias do Rio de Janeiro, pesquisas que partilham o mesmo tema em perspectivas diversas e complementares, as visualidades juvenis em relação às construções e desconstruções identitárias. Apoiado na observação das imagens e autoimagens de jovens estudantes de escolas públicas populares, discute a relevância e sentidos das visualidades no jogo dos trânsitos identitários, cujo elemento central é o corpo, compreendido como território de embate pedagógico no qual as imagens impostas pela política hegemônica se chocam com as imagens insurgentes e sua estéticas negadas e rejeitadas.

PALAVRAS-CHAVE

cultura visual; desconstrução; identidades.

ABSTRACT

This paper is the result of a dialogue between three ongoing researches for master thesis; Falas-Imagens, Cultura Visual e escola em espaços periferizados: o fortalecimento das trocas e do coletivo como criação epistemológica, “Choque de Monstro!”: Corpo, identidade e visualidade na escola e Dando Pinta: juventude transviada nas periferias do Rio de Janeiro, researches that share a common theme in diverse and complimenting perspectives; the visualities of the youth versus identity constructions and deconstructions. Supported by the observation of images and self-images of young students in popular public schools Rio de Janeiro, this paper seeks to discuss the relevance and senses of visualities in the dynamics of identity transit in which the body is the key element, understood as a territory of pedagogical clashes in which the images imposed by hegemonic policies bump against upcoming images of denied and rejected aesthetics. Unfortunate visualities; transgender, racial, pan racial and trans cultural which state the differences as a conceptual blur, crucial to understanding of the current matters of identity.

KEYWORDS

visual culture; deconstruction; identities.

A história que eu gostaria de contar para vocês este ano, a história dos anormais, começa simplesmente com King Kong, ou seja, estamos logo de saída do país dos bichos-papões (FOUCAULT, *Os anormais*)

Os temas das pesquisas em andamento estão inscritos e circunscritos pela denominação escola pública popular. Entendida, tal denominação, como uma face social não redutível aos espaços nos quais se evidencia. Contudo, é nesses espaços, os espaços escolares institucionais, que o que lhes são peculiares se potencializam e se manifestam com notável singularidade. Não entendemos o espaço escolar em seus tempos próprios como dissociado ou impermeável ao que lhe circula, atravessa e produz. Entretanto, refletimos sobre o que a vida dos protagonistas desses espaços traz e nesses espaços problematiza.

Alguns dos aspectos do cotidiano escolar constituem o foco da pesquisa dentro desse tema tão vasto e infinitamente facetado. Das muitas faces da escola, a face que nos interessa investigar, é a face que transpondo os limites institucionalizados dos corpos individualizados reconfigura o corpo dos investigadores no atravessamento dos colaboradores – termos aqui utilizados por falta de algo mais pertinente.

Investigadores somos nós. Colaboradores são os estudantes. Professoras e estudantes. Termos facilitadores.

O problema dentro do epicentro da pesquisa no fulcro do tema. Nos interessa (nós, eu e meus coletivos de afeto, posso incluir o orientador.) o corpo discente que afeta o docente. E como essa afetação pode, como inusitado oráculo, anunciar um presente e um futuro institucional e epistêmico que garanta alguma pertinência ao binômio ensinar e aprender nas escolas.

Simplificando: aposto que os corpos discentes oferecem à atenção docente problematizações muito mais úteis à continuidade e atualização da escola do que outros recursos supostamente disponíveis. Refiro-me às questões que a corporeidade clandestina à escola, corporeidade pós-moralista em relação aos princípios, em muitos aspectos, anacrônicos, dos currículos oficiais, corporeidade

juvenil e em fluxo, ou seja em plenitude existencial e força estética, exigem tratar e ocupar espaço destacado nos encontros que só a escola promove e nem sempre aproveita em concreto e objetivo benefício dos estudantes. A hipótese que conduz à pesquisa e ao cotidiano escolar, é que os estudantes seriam a fonte de recursos mais importante para a sintonia das escolas com a atualidade. A atenção voltada para as novas gerações de estudantes simultaneamente à perscrutação dos efeitos dos seus encontros no corpo da professora e pesquisadora é o via metodológica. Assim, a representação do tema se expande. Da escola a uma determinada escola, partindo da ideia que o recorte aqui é imperativo. Cada escola é uma escola em seu universo de diferentes e singulares dias, horas e habitantes. O recorde do cotidiano supera a pecha de pouca utilidade, quando a utilidade é reconhecida apenas pela suposta capacidade de aplicação generalista. Cada recorte cotidiano é singular e sua característica comum aos outros cotidianos é a aludida singularidade e essa noção é o mais oportuno recurso teórico ao qual a pesquisa recorre.



Recortando o cotidiano em suas minúcias, em suas nuances e surpresas expandimos ainda mais o campo investigado. Pois, apostamos que as narrativas que a investigação nos possibilita produzem efeito paradoxal na diagramação do tema, quanto mais minúsculo e fugaz aparenta a experiência observada, quanto mais banal e aparentemente rotineira a prática observada, maior a densidade do aspecto fulcral ao tema que são, na escola determinada, alguns dos diversos

sujeitos que a habitam. De uma denominação genérica chegamos à imparidade dos praticantes do cotidiano especificado. E assim chegamos aos sujeitos encarnados que oferecem saberes aos currículos e à formação continuada dos corpos de professores.

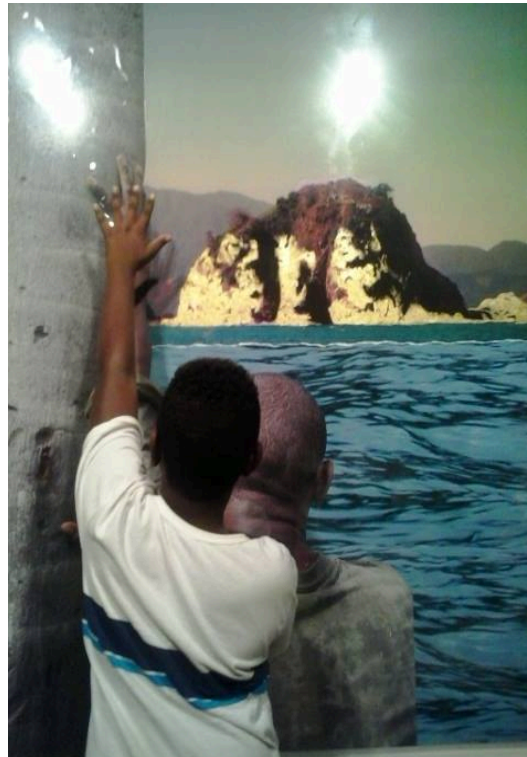
O entendimento postulado é que corpo, definitivamente invocado para além do abominável (pelo menos para nós) corte entre mente e corpo, é o duto das experiências humanas. Um corpo para além de qualquer organização medical. É o que sobrevive às escaramuças do biopoder. É o que apresenta mais que representa. O que não se reduz ao sentido. Corpo sem organização interna ou externa, enxurrada de sensações em guerrilha contra a palavra. Porque sua evidência anatômica e fisiológica não responde àquilo que o homem pode sentir nele de complexidade (LE BRETON, 2003, p. 271). Aceitamos, portanto, os corpos que se nos oferecem, a partir do que vamos percebendo em nosso corpo. Marcas de percursos de outros corpos, ideias insurgentes, ponderações e sobretudo sentimentos. Matéria com a qual buscamos elaborar as narrativas vertidas em crônicas do nosso cotidiano. Crônicas que narram os coletivos em mim, como força inevitável. Buscamos nas crônicas, e isso já é parte do método proposto, conter e dispersar em oferta ao leitor, o que as presenças diversas nos oferecem ao longo da pesquisa. Não damos a palavra a ninguém, aceitamos as que nos são dadas ou dispensadas nos nossos cotidianos. Pois, o que viria ser “darmos a palavra” a alguém se não é um convite para falar? O que então quer dizer esse ato absurdo, essa aparente doação, essa generosidade moldada pela força de autoridade difícil de enganar? Quem vai falar? Quem determinaria o lugar do outro, quem lhe pediria que falasse aqui? (SOUZA, 2012, p. 266).

Os corpos se chocam, nos chocam e seu choques fendem os currículos. Pelas fendas invadem a cena das aulas e fulguram em muitas versões e visualidades. Corpo, identidades estilhaçadas e criadas, visualidades ressignificadas, escancaradas e afirmadas na escola.

Corpos coletivos

Desejo. Pretendemos que a pesquisa funcione um pouco mais do que tem funcionado. Queremos que, além do que nos tem propiciado, prazer e movimento, dúvidas e incertezas, estremecimento e emoção, seus frutos sirvam a outros da melhor forma possível, que a pesquisa, em qualquer um dos seus aspectos, sirva ao menos para chamar a atenção para os monstros, para sua relevância na construção diária da escola como campo privilegiado de relação, de criação de modos de encarar e criar o mundo.

O objetivo de uma pesquisa é para seus autores o enfrentamento do que vive na sua vida profissional e que não é discernível da amplitude de sua vida, é saber mais sobre si por meio dos outros. O objetivo é um disfarce do desejo. E o desejo é se enfrentar no plano dos afetos e resistências. É colar o corpo, na radical diferença que aparta corpos de professoras dos corpos dos estudantes, é interrogar, a bem de uma escola mais justa, mais amena, mais feliz, o que faz o diferente, diferente. De quem é a autoria dessa diferença. Evidentemente não o diferente, mas a rede de ações que produz a apartação, a exclusão, a humilhação e demais violências que arquitetam a monstruosidade do outro.



As diferenças apontadas, qual se aponta o “outro”, diferindo-o, por meio do indicador em riste, de nossa normalidade, são as designações anacrônicas mas insistentemente recorrentes, a negra, o negro, a negritude, a sapatona, o viado, a travesti, o pobre, o analfabeto, o incompetente, o indócil, o bandido, o inadequado, o inoportuno. Aquele que choca, denunciando em nosso estranhamento, nossa incompetência diante do que foge aos fraudulentos manuais da normalidade. E mais, a nossa cumplicidade e atuação no laboratório que cria o “anormal”.

Objetivamos um novo manual, que se inventa na proliferação dos monstros, e sem explica-los, os reverencie. Pois, os monstros, a despeito de qualquer força regulatória, proliferam. Invadem o planeta, tornando-se familiares... (JOSÉ GIL, 2006, p. 11).



Metodologia

A via metodológica aplicada é a pesquisa do/no/com o cotidiano (ALVES) que propõe a intensidade na coleta de tudo que o cotidiano investigado oferece. Sem excluir a participação da subjetividade das investigadoras que opera, contamina e atravessam suas ações no campo da pesquisa como o faz em toda a sua vida.

A *descrição densa* seria um modo do pesquisador apropriar-se do que o campo oferece e descrever sua coleta. Nessa via, o pesquisador deverá buscar realizar sua descrição de modo a alcançar as suas mais sutis nuances, detalhes e particularidades, considerando os contextos, cenários e demais elementos que configuram o acontecimento e personagens de sua investigação. O mais significativo não seria exatamente o denominado “fato social”, mas, como afirma Geertz (2008, p. 8) o que mais importa é a ação social decorrente do fato social. Assim, não se trataria de procurar leis gerais, mas, trabalhar com as significações e significados do que se encontra no campo. A atuação do pesquisador será a de criar interpretações, sempre relativizadas, em torno das expressões e demais acontecimentos sociais, que segundo o autor podem ser consideradas “enigmáticas na sua superfície” (Idem, p. 4).

Portanto, as generalizações nas leituras ou interrupções da observação na superfície do acontecimento, superfície muitas vezes criada pelo investigador quando intoxicado por algum preconceito, devem ser rigorosamente evitadas. É preciso evidenciar os significados dentro do âmbito cultural estudado, respeitando todos seus aspectos e características. Pois, quanto mais densa se constituir a

descrição, mais fartos serão os recursos para sustentar a argumentação do investigador. Quanto ao arcabouço teórico que levamos ao campo, na medida em que algum norte conceitual há de se dispor ao deflagrar uma pesquisa, convém observar, contudo, que as teorias só adquirem importância meio ao processo de investigação, ou seja, em diálogo com o campo. Na medida em que são as singularidades culturais, as práticas particulares que farão as articulações e determinarão a pertinência ou validade das teorias.

Em outros termos, é como se tanto as teorias quanto os métodos investigativos se contaminem pelo campo e sejam recriadas pelo pesquisador. Sobretudo porque, em relação aos cotidianos, os métodos são criados no movimento das ações da pesquisa, ou *pesquisar o cotidiano é criar metodologias* (VICTORIO, 2007).

Quanto ao aspecto metodológico da formatação da dissertação, pretendemos recorrer à aplicação do recurso narrativo, para tanto, entendemos que observadas as definições dicionarizadas – desde as mais gerais até as mais especializadas sobre o conceito de narrativa, devemos considerar que tecnicamente o que caracteriza a narrativa são diversos aspectos, dentre os quais destacamos a menção à representação, exibição ou recapitulação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos encadeados em uma ordem de sucessão ou de decorrência, representação sempre alavancada pelas força criadora da rede de subjetividades que se estabelece nas interlocuções que dão substância à investigação; os acontecimentos, eventos ou ações que são realizados ou sofridos por um ou mais personagens, ocorrendo em um tempo e espaço definidos pela percepção do narrador; a referência à uma dinâmica temporal (ou temporalidade dinâmica) que determina a sucessão dos acontecimentos ou é produzida por esta; a alusão à uma alteridade mais ou menos radical entre o narrador e os acontecimentos e sujeitos narrados, fruto dos distanciamentos e aproximações que o ritmo da pesquisa provoca; os acontecimentos narrados, assim como os personagens, cenários e outros componentes do universo relatado podem ser reais ou fictícios, sendo sempre , de uma forma ou de outra, a amálgama das duas possibilidades; na conceituação mais genérica da narrativa, os acontecimentos são narrados por meio de linguagens que se manifestam em diferentes substâncias ou suportes expressivos: pelas linguagem oral, escrita ou gestual; por modalidades

mistas destas linguagens, como a verbo-icônica, por exemplo; pela mímica, teatro, dança, etc.

As narrativas que pretendemos oferecer como fruto mais querido – já assumimos aqui a importância metodológica do querer – da pesquisa não são oferecidas como retrato fiel de ninguém. Não são utilizadas para melhor analisar e interpretar as vidas envolvidas, nem de pessoas ou seus coletivos. São antes de tudo, narrativas de nossos corpos que se produzem na interação com os coletivos que nos afetam. Trata-se, por falta de nomeação mais simples, os corpos de professoras no corpo da escola. Não se trata, de um corpo generalizado ou generalizável e muito menos de uma escola reduzida a um termo genérico. Trata-se de singularidades. Singularidade que é a substância inexorável de toda escola em sua luta contra si mesma e em prol do fluxo vital de seus coletivos em todos os minutos cotidianos.

Corpo professora que se faz meio aos abrigos identitários insurgente e a força das escolhas estéticas de estudantes e assim insinua a outra escola sempre possível meio à concretude de muros e grades simbólicas e materiais. A outra escola desejada, imaginada, sonhada, subterrânea e clandestina que germina e resiste mesmo sob o peso e a vigília do currículo surdo e cego às imagens que falam. São as Escolas amenas, úmidas, bem humoradas, vigorosas em prazer e conhecimento que subsistem mesmo que não legitimadas e clandestinas, nas escolas secas. Produzindo em sua impertinência currículos vibrantes e atualizadores, os quais, de uma forma ou de outra sobrepujam os currículos surdos.

Corpo de professora, corpo escuta das falas mais candentes, das visualidades mais eloquentes que tropejam a resistência aos preceitos e postulados que excluem e impedem a legitimidade carnal, sensual e diversa. Portanto, as representações do corpo negro, do corpo inculto, do corpo não binário, do corpo feminista, do corpo inadequado, do corpo indolente, do corpo resistência e insistência, do corpo da professora.

Assim, a conjunção dessas pesquisas reflete a impossibilidade de emergir em outro formato que não se dê por meio da, embora orgulhosa, modéstia do relato narrativo/visual. Não há recurso metodológico além da plena entrega ao cotidiano da

escola. Entrega atenta e distraída que não oferece resistência à dinâmica do corpo em seu trânsito diário e a ele se alia como linha de fuga e retorno.

Assumida como criação poética, afinal qual o texto não o seria? O texto não é recusa indolente ou incapaz diante da tradição e técnica normativa de relatórios de pesquisa. Embora reconhecendo que toda técnica tradicional em muitos momentos é indispensável, aqui, o rigor, muitas vezes frio e frígido das aludias normas, não sobrepuja a emergência visceral das poéticas que constituem, o corpo de professora também derramado em texto.

Onde a pesquisa se intensifica. No terror escriturístico por muitos experimentado diante das páginas a serem realizadas. A paralisia ou coagulação sugerida pela estabilização da experiência na palavra se soma à necessidade de escolha do que seria mais relevante e indispensável à constituição de uma narrativa fiel e franca. Assim, reconhecendo a força do desafio da escrita a incorporo à composição do relato, pois é a sensação que mais mobiliza o corpo da professora nesse momento que tenta urdir alguma ligação sincera entre as experiências observadas e o texto fixado.

Mesmo lembrando que toda literatura é vibrante e se reescreve aos olhos do leitor, o desejo de ser o mais fiel possível ao que se viveu se mistura com um insano desejo de poder ilimitado sobre o texto que julgamos ser autor. Aqui a pesquisa liquefeita nas letras virtuais da tela, melada nas anotações açodadas dos diários de pesquisa, se tornam uma substância de matéria diversa que evidencia o quanto a obra textual impõe aprofundamento investigativo sobre o que o campo fez e faz no processo de transformação do corpo que habitamos, com certa pretensa dominância.

Lidar com as interrogações dos interlocutores da pesquisa, com os corpos dos outros que vão se tornando meus, meu corpo, na escrita e no afeto, com os jovens e crianças que formam a paisagem que nos interessa, impõe, conseqüentemente, a introjeção dessas perguntas, nem sempre pronunciadas por meio da sonoridade pessoal e nem sempre pela imagética mais evidente. Assim, a composição das narrativas implicou numa fala de mim, dentro dos mins coletivos que seriam um pouco mais complexo do que um abreviado nós. O vocabulário, a gramática e a

sintaxe já são limites fortes demais para a eles serem somados outros controles. Assim, no corpo descontrolado, que é carne e texto, inventamos palavras, pronomes e nomes, em benefício de narrativas que redundem em elementos favoráveis à plenitude da escola que discute e vive o negado e para que na qual fulgure mais e sempre a potencia do corpo criador de felicidades.

Redes teóricas



A perspectiva teórica na qual a investigação se apoiou alia várias vertentes do pensamento contemporâneo que se harmonizam na medida em que se complementam favoravelmente à proposta do projeto. Dentre essas propostas, o corpo como universo de partida do entendimento e criação das coisas; a Cultura Visual como campo de investigação aberta e multidisciplinar das imagens visuais, de sua fruição, circulação e criação; a relevância do cotidiano como campo absoluto dos acontecimentos de interesse da pesquisa; bem como a noção de redes de saberes que nele se realiza; as propostas libertárias contemporâneas sobre racialidade, etnicidade, sexualidade, gênero e arte que emergem das militâncias mais libertárias.

Para o recurso à essa rede de saberes e postulados, recorreremos a alguns autores cuja produção nos pareceu se identificar com os modos de investigação que emergiram do e no próprio campo investigado. Certamente que muitas propostas

teóricas se somaram ao nosso afeto e assim constituíram e conduziram o nosso interesse. Ou seja, leituras prévias ao campo que de certa forma marcante interferiram nas escolhas do tema da pesquisa e na forma como foi iniciada.

Inicialmente destacamos Michel de Certeau, cuja produção é indispensável à compreensão e apreensão do que a concretude fugidia do cotidiano oferece à compreensão dos fenômenos, das ações pessoais e coletivas. Como afirma o autor (p. 131), ...a teoria deve desbravar um terreno onde não há mais discursos. Quanto às realidades das escolas, em suas singularidades e originalidades, o cotidiano parece ser inventado na medida em que o reconhecemos como fundamental à investigação de seus espaços e tempos. Pois, essa instituição, considerada, em razão de muitos de seus aspectos, como modular, repetitiva, uniforme e previsível salta aos olhos e demais sentidos do investigador quando observada na sintonia de seu murmúrio, na sintonia do face à face de nomes e imagens identificáveis, destacadas de sua fugacidade meio às imagens globais que sempre apagam os detalhes ímpares, apagam as ações originais que contestam a seriação anódina, dispensam as ações imprevistas e tudo o mais que seja inesperado.

“O corpo não é um dado passivo...”(Paul Beatriz Preciado)



Se em nosso texto e imagens, o corpo, como instância reivindicante de uma existência plena e de novos arranjos biopolíticos e sociais, aparece protagonista nos enfrentamentos e resistências, é porque assim é defendido a partir do intercruzamento, em suas discordâncias e similitudes. Posição que encontra apoio

nas defesas Michel Foucault (1984) e Beatriz Preciado (2014). Para Foucault (1984, p. 147):

O corpo se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra-efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... como resposta à revolta ao corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas controle estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito e bronzeado”

Se o corpo é objeto de disputa de poder, seja, talvez, porque ele a todo o momento reivindica o direito de estar no mundo de forma a confrontar o hegemônico. O corpo transita e tensiona conceitos que se acreditavam sedimentados, e assim funda e destrói ciclicamente noções que desejam capturá-lo. O corpo é território de disputa política e lugar de experiências que constituem subjetividades diversas. Quer-se capitalizar o corpo, medicalizá-lo, amputá-lo, rotulá-lo e controlá-lo.

A convivência entre discursos, nos cotidianos das escolas é um ponto central para que analisemos como se dão as relações e as experiências nestes espaços. Neles encontramos o paradigma escolar da modernidade, com sua “monocultura de saber”, valorização da disciplina para aumento da produção, a linearidade e as hierarquias rígidas. Contudo, é inevitável perceber as resistências, as fissuras, atitudes “contra ofensivas”, “contrafeitos” que buscam mudar de dentro pra fora, os corpos invisibilizados.

Preciado em seu Manifesto Contrassexual afirma que nossos corpos já estão operados produzidos segundo a lógica heteronormativa de invenção de binarismos sexuais.

O corpo é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero) sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais.

O recurso às teorias contemporâneas que destacam o lugar e as representações do corpo é, portanto, indispensável à problematização das ideias e discursos que realizam o jogo de luz e sombra sobre o aceitável e o interdito nas populações escolares. Dialogar, investigar, buscar compreender e se deixar afetar pelas imagens e falas que realizam o cotidiano escolar é enfrentar a veracidade irredutível dos corpos que atravessam e dão corpo a escola.

Considerações finais que não encerram as pesquisas

Nossas dissertações são um momento em suspensão, não de finalização. A pesquisa com os cotidianos escolares é a defesa do sentir com todos os poros e músculos. É a constante desconstrução de um corpo que, já operado pela linguagem, teima em criar outras lógicas de estar com, atenta das poéticas juvenis não outorgadas.

Portanto o texto é uma registro, onde a palavra escrita também não coagula o *espaçotempo* escolar, mas apresenta o acontecido, na tentativa assumidamente impossível, uma vez que um momento jamais é reconstruído, mas acreditando que a força das presenças em narrativas e imagens possam contribuir para reivindicar a existência de práticas e saberes outros na acolhida a juventude periferizada nas escolas.



Referências

ALVES, Nilda. Decifrando os pergaminhos – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda (Org). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Ali, 2008.

_____. *A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação*. Educ. Soc. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.– dez. 2010.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

_____. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos dels “sexo”*. 1A edição. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. LOURO, Guacira Lopes (Org.): *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte. Autêntica, 153-172.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Moras, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

DIAS, Belidson. *O i/mundo da educação da cultura visual*. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

FLORES, Valería. *ESI: Esa Sexualidad Ingobernable*. El reto de des-heterossexualizar la pedagogía. Buenos Aires, 2015.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *Os anormais*. Ed. Martins Fontes - SP, 2001.

_____. *Poder-corpo*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.145-152.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

Gil, José. *Monstros*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodore. A produção cultural do corpo. In: *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HARAWAY, Donna. In: TADEU, Tomaz. *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus: 2013.

LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Siva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 2001. (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>)

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINS, Raimundo. *Imagens, Identidade e escola. Salto para o futuro. Cultura visual e escola*. Ano XXI, Boletim 09, 2011.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Santos. *Gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Cortez Editora, 2008.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Saber do negro*. 1ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

VICTORIO FILHO, A. Poéticas visuais cotidianas. In: OLIVEIRA, I.B.; SGARBI, P. (Org.). *Fora da escola também se aprende*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp. 51-63.

VICTORIO, Aldo Filho. *Pesquisar o cotidiano é criar metodologias* *Educação & Sociedade*, vol. 28, núm. 98, enero-abril, 2007, pp. 97-110 Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313707006>

Aldo Victório Filho

Graduado em Gravura pela Escola de Belas Artes UFRJ e Licenciado em Educação Artística. Mestre e Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto, Coordenador do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Docente do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PROPED), ambos da UERJ.

Mariane Travassos dos Santos

Licenciatura em Educação Artística pela Escola de Belas Artes / Artes Plásticas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes pela UERJ e professora da SME/RJ e SME/Duque de Caxias.

Pâmela Souza da Silva

Graduada e licenciada em História da Arte pelo Instituto de Artes da UERJ. Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora de Artes Visuais no Município do Rio de Janeiro.

Rodrigo Torres do Nascimento

Formado em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde atualmente é mestrando do Programa de Pós-graduação em Artes e bolsista de iniciação à docência do SubProjeto PIBID/UERJ Artes Visuais.